

daquele mar bastante mexido. Meia hora depois, Olinda surgiu à nossa esquerda, e a preocupação passou a ser os tubarões, que costumam dar as caras nesse trecho. Felizmente, nenhuma barbatana cruzou nosso caminho até a Enseada dos Golfinhos, na Ilha de Itamaracá. Lá conhecemos o seu Lourenço, que nos cedeu uma choupana de palha para passar a noite.

No dia seguinte entramos na Paraíba, navegando sempre por dentro das barreiras de recifes que margeiam a região. Nelas é preciso conhecer as entradas e saber as horas certas para passar, o que só os pescadores locais podem explicar. Aportamos em Pitimbu, onde os caiçaras usam jangadas com duas velas que têm fama de ser mais velozes que traineiras a motor. Diante da sabedoria dessa gente que vive do mar, não duvido. Seguimos rumo à Praia Bela, em Jacumã, rodeada por falésias e lagoas. O lugar é tão bonito que resolvemos dormir na praia, felizes da vida com o céu estrelado... até que uma chuvarada dos infernos nos fez correr para a barraca.

Lá se vai o amuleto

Depois das trapalhadas noturnas, passamos pela Ponta do Seixas, o extremo oriental do Brasil. Pernoitamos em João Pessoa e seguimos até Coqueirinho, uma praia linda, sem luz elétrica e de difícil acesso, do jeito que a gente gosta. Apenas seis caiçaras moram nessa vila, entre eles dona Maria, de 82 anos, com seu bom humor contagiante. Agnaldo contou ter visto uma foca barbuda (e das grandes!) perto de Coqueirinho, e dona Maria explicou que deveria ser o “Xuxu”, mais antigo peixe-boi de um centro de preservação da espécie que existe na Barra de Mamanguape. “Ele gosta de passear”, revelou. Nos deliciamos com um peixinho frito com arroz e fomos dormir felizes da vida, debaixo de um rancho de palha.

A essa altura, já estávamos no ritmo local, acordando às 5 da manhã, como todo mundo faz por lá. Meu ombro começou a doer um pouco, mas foi só acertar a remada e concentrar o movimento no tronco que passou. Em Sagi, a primeira praia do Rio Grande do Norte, outra jóia guardada por recifes, ondas com 1 metro de altura nos golpearam no peito sem dó, e causaram uma baixa em nossa tripulação: minha carranquinha, companheira de tantos anos, não resistiu ao impacto das ondas na proa do Juatinga e foi arrastada. Fizemos um minuto de silêncio pela perda de nosso amuleto.

O pior viria no dia seguinte, em Barra do Cunhaú. Enquanto remávamos para o mar, o canal indicado pelos caiçaras foi se estreitando, com arrebentações cada vez maiores dos dois lados. A situação já estava bem assustadora, com ondas de 2 metros, quando um vagalhão enorme nos apanhou. Foi o pior capotamento da minha vida. Segurei a proa virada para as ondas e fui arrastado igual uma rabiola de pipa no meio de um furacão, enquanto Agnaldo subia no caiaque alagado e lutava para não deixá-lo capotar. Passamos uma boa meia hora tomando porrada na cabeça até conseguir retornar a terra, respirar fundo e dar a volta por fora da barra.

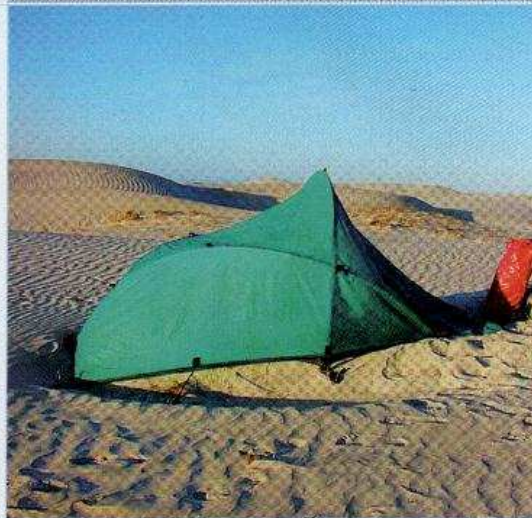
Seguimos viagem rumo a Natal, passando pela badalada Praia da Pipa, depois pela tranqüila Tibau do Sul e pelas bonitas falésias de Tabatinga. Antes de chegar a Natal, um último obstáculo era a Barreira do Inferno, base de lançamento de foguetes da Aeronáutica, cujo acesso é proibido. Não deu outra: a nossa presença tão perto da praia alertou a segurança da área militar, que enviou um helicóptero para dar uma olhada em nosso “torpedo” amarelo.

Os militares acompanharam nosso curso durante alguns minutos e retornaram à base. Não chegaram a nos abordar, mas percebi que ficaram intrigados com a vela de proa do Juatinga, uma idéia nossa para aproveitar o

FORTALEZA

Aeroporto
260 km
Rio Grande do Norte
RN

Barraca armada nas dunas: o desafio era resistir ao v



LÍNGUA NATIVA

As melhores indicações para a travessia de caiaque de Recife a Fortaleza vieram dos pescadores da região, mas antes foi preciso conhecer o sentido de algumas expressões usadas por eles. Para os caiçaras nordestinos, “descer”, por exemplo, significa rumar para o norte – e não para o sul, como estamos acostumados a dizer, baseados na posição do mapa. Eles “descem” para o norte, pela simples razão de que é para lá que sopra o vento na maior parte do ano. Outra coisa importante é evitar fazer perguntas utilizando termos técnicos de navegação, porque eles não vão entender. O jeito é deixar os pescadores falarem à vontade e ir se familiarizando com os termos locais. É assim que se aprende – e não em livros técnicos de navegação – quais são as melhores entradas e saídas das praias.

